

**A representatividade e a pluralidade do heavy metal
nas ilustrações de Derek Riggs¹**

*The representativeness and the plurality of heavy metal
in Derek Riggs' illustrations*

Giovanni Lucena COSTA ²

Resumo

Alguns artistas possuem obras que constroem e que desconstroem conceitos e valores da cultura dominante, representatividade e pluralidade à partir do seu traço, pintura, estilo, como é o caso do artista gráfico Derek Riggs, autor da concepção visual e artística do Iron Maiden, grupo britânico de Heavy Metal. Este artigo busca apresentar uma introdução acerca do público e dos fãs de Heavy Metal, de gerações representadas graficamente por Riggs, abordando temas como estética grotesca e contracultura. Neste estudo de caso pretende-se analisar quais são os elementos pré-iconográficos e iconográficos presentes na obra do artista os quais constroem esta representatividade e pluralidade, tendo como recorte a capa do LP *“The Number of the Beast”* de 1982.

Palavras-Chave: Design Gráfico. Heavy Metal. Derek Riggs. Representatividade. Iron Maiden.

Abstract

Some artists have works that build and deconstruct concepts and values of the high culture, building representativeness and plurality from their design, painting, style, as is the case of graphic artist/ designer Derek Riggs, the man behind the design conception of a British Heavy Metal group Iron Maiden. This article seeks to present an introduction about the audience and fans of Heavy Metal from generations graphically represented by Riggs, addressing topics such as grotesque aesthetics and counterculture. In this case study we intend to analyze which are the pre-iconographic and iconographic elements present in the artist's work which build this representativeness and plurality, the cut is the cover of the LP *“The Number of the Beast”*, 1982.

Keywords: Graphic Design. Heavy Meta. Derek Riggs. Representativeness. Iron Maiden.

¹ Uma versão deste artigo foi apresentada no II Ciami - 2º Congresso Intersaberes em Arte, Museu e Inclusão, da Universidade Federal da Paraíba, como parte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB/UFPE (PPGAV) e do grupo de extensão em Arte, Museu e Inclusão da UFPB, realizado em outubro de 2018 em João Pessoa.

² Graduado em Design Gráfico pela Faculdade Estácio de Sá da Paraíba. Integrante do Programa de Pesquisa e Extensão em Arte, Museu e Inclusão, da Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: giovannicosta.contato@gmail.com

Introdução

Ao apropriar-se do conceito de Jorge Coli (1995) a respeito do significado da arte, partindo do princípio que as obras de arte podem ser manifestações sociais, culturais, o objeto de estudo desse artigo consiste numa obra de um artista que construiu conceitos, que resultaram em representatividade e pluralidade.

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma introdução acerca do público, fãs de Heavy Metal e do Iron Maiden, representadas graficamente por Riggs e descobrir a razão pelo qual suas ilustrações tanto representam fãs de heavy metal. Para isso, o que será visto por primeiro neste trabalho, é uma introdução acerca da história do gênero musical rock and roll e rhythm and blues, enfatizando o conceito desses dois tipos de música, abordando temas como representatividade, pluralidade, e utilizando o autor Florent Mazzoleni como base. Em seguida, reflexões a respeito dos estudos de Sodr e & Paiva (2002), Victor Hugo e Pereira (1992); sobre a estética grotesca e a contracultura.

A terceira parte contextualizar  o conceito simbólico do Heavy Metal, a banda Iron Maiden como marca e produto midiático e o artista gráfico Derek Riggs. Em seguida, irá dar contexto a presença das artes gráficas no Rock and Roll e no Heavy Metal. A biografia “Iron Maiden – Run to the Hills” publicada pelo jornalista musical inglês Mick Wall em 2013, e o livro de Paul Gruskin de 2011 sobre a presença da arte e design gráfico no Rock and Roll, guiarão a pesquisa. Por último, o artigo irá consistir na análise iconográfica da obra “The Number of the Beast”, publicada no ano de 1982.

A análise leva em conta o conceito estabelecido por Panofsky, que pode ser assimilada em sua obra sobre estudos de iconologia, de 1995; O livro “*A psicologia das Cores: como as cores afetam a emo o e a razão*” da pesquisadora Heller (2007) servirá como auxílio para a análise pr -iconográfica. Na análise iconográfica, será utilizado a bíblia sagrada como referencial, além de cita es de Carl Jung e Gilbert Durand a respeito de simbolismo e imaginário.

A representatividade, o rock and roll e o rhythm and blues

Na década de 50 o mundo vivia em plena Guerra Fria, e os Estados Unidos passava por prosperidades econômicas e mudanças sociais e políticas. A Segunda Guerra havia se encerrado há aproximadamente meia década, e a sociedade norte americana comemorava e festejava a vitória. Enquanto a classe média crescia, nascia naquela época a indústria do entretenimento e o surgimento do termo adolescente. “*eram tempos de revolução cultural, renovação estética a popularização do Rock’n’Roll*” (MAZZOLENI, 2012, p.117). Os filósofos Adorno e Horkheimer já estudavam de forma aprofundada a Indústria Cultural, além de terem criado o termo em “*Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*” de 1947, que foi, segundo eles, presente de forma evidente nesse período histórico, década de cinquenta e sessenta e posteriormente setenta, oitenta e noventa. Os intelectuais da escola de Frankfurt buscavam estudar a chamada cultura de massa, ou o modo de produzir cultura. A arte, naquela época, passou por renovações, transições e transformações, como diz Archer (2001). O mundo vivia em guerra ideológica, e o medo de uma possível e suposta bomba nuclear causava reações adversas à população, essas reações surtiram efeitos diversos na sociedade e na cultura. O movimento pop chegara a aparecer em 1962, segundo Archer, estreando a arte contemporânea, de forma bastante evidente na década de 60, tendo Andy Warhol, dentre outros artistas visuais, guiando como a arte se comportaria naquele período.

O Rock and Roll é um ritmo musical, dos 1950, derivado do Rhythm and Blues; Country; Jazz e Música Clássica, que consiste em batidas rápidas e dançantes, tendo como instrumentos principais a guitarra elétrica, bateria, contrabaixo, teclado e vocais, e tem como conceito a atitude e a libertação. O autor do livro “As raízes do rock”, obra publicada em 2013 por Florent Mazzoleni, jornalista que estuda as questões sociais e raciais que permeiam o Rock and Roll e cultura popular, argumenta que a origem desse ritmo musical teve total relação com a comunidade negra, que, por sua vez, foram os pioneiros do Rhythm and Blues, estilo musical que serviu como base para o Rock and Roll.

No final da guerra, a música popular negra apoiou-se nos ritmos seculares do Blues com um som mais quente e pleno, articulado em torno do que se passava nas ruas, bares, clubes e dos ritos culturais de pessoas que viviam numa civilização urbana em pleno desenvolvimento. [...] O rhythm'n'blues surgiu por causa de uma maior proximidade com os negros que viviam nas cidades depois do êxodo rural fruto da Segunda Guerra Mundial. (MAZZOLENI, 2012, p.57).

Mazzoleni argumenta que o contexto político, social e cultural que o mundo estava vivendo naquele período, principalmente os Estados Unidos, foi essencial para o surgimento do Rythym and Blues no final dos anos 40, ao afirmar que “*as canções de trabalho nos campos, os cantos das igrejas e as cerimônias e rituais africanas evoluíram por conta dos novos hábitos mais liberais*” (MAZZOLENI, 2012, p.57). Diante desses estudos, é válido mencionar que esse tipo de música é uma manifestação social, sobre liberdade, medo e atitude, que por sua vez, pode ser assimilada como um fenômeno de cultura, que, como diz a pesquisadora e semiótica Lúcia Santaella, um fenômeno de comunicação. Logo o conceito do rhythm and blues foi repassado e aprimorado para o rock and roll nos anos 50.

O rock'n'roll dos anos 1950 definiu como o de nenhuma outra década as mudanças que ocorreram no período, entre as quais a aceitação progressiva dos músicos negros, o reinado da juventude, o consumismo desenfreado e o nascimento de ícones em termos modernos, verdadeiros reis do rock. (MAZZOLENI, 2012, p. 157).

Elvis Presley, do caminhoneiro americano de Mississipi ao estrelato da música pop mundial, havia aparecido na mídia em 1953. Ele era um ícone para os jovens, representava a liberdade de expressão, a beleza, o luxo, o sexo e a sedução. É pertinente observar que a aparição do cantor se estabeleceu como uma resposta ao que a sociedade norte americana vivia naquele momento: “*O consumismo generalizado e o sentimento exacerbado de liberdade*” (MAZZOLENI, 2012; p.118). O seu penteado, jaquetas de couro e sorrisos tornaram-se bens simbólicos, passando a serem assimilados, admirados, copiados e vendidos para a massa, como um novo padrão de beleza masculina. Sua imagem mais tarde estaria exposta em telas do cinema hollywoodiano, e seu conjunto de falas, gestos e danças influenciaram todo e qualquer adolescente naquela época que sentia necessidade de se libertar, bem como artistas e músicos posteriores. “*Elvis foi a*

maior força cultural do século XX. Ele introduziu o ritmo em todos os lugares, na música, na linguagem, nas roupas, como verdadeira revolução social.” (MAZZOLENI, 2013, p.167).

A estética Grotesca e a contracultura

A contracultura é, segundo Pereira (1992), um fenômeno de contestação social dos anos 60. Um grito de liberdade para os jovens da década de sessenta que inovavam seus estilos, seus valores e seus comportamentos. O movimento questionava valores da cultura dominante, que era sobre em que as pessoas deveriam crer, se vestir, se comportar e viver em sociedade. Isso implicava em estilos de vida e gostos musicais. O conceito buscou resgatar premissas ideológicas progressistas, de oposição ao sistema e alguns casos até anarquistas. O movimento abordou, antes de tudo, a liberdade de expressão, e isso implicou em desdobramentos para debates e reflexões à respeito da liberdade sexual, censura, direitos dos trabalhadores, feminismo e argumentos pacifistas.

Na obra “O Império do Grotesco” (SODRÉ & PAIVA, 2002), os autores dissertam a respeito de como essa categoria estética tem sido cada vez mais utilizada nas variáveis mídias. O grotesco é um termo que surgiu para definir aquilo que pudesse ser considerado fantástico ou extravagante, e com o tempo adquiriu o conceito de ridículo e cômico, uma manifestação do feio. Diante das pesquisas de Sodré & Paiva, pode-se debruçar que o grotesco foi pensado como fenômeno primeiramente por Victor Hugo em meio ao seu Prefácio de Cromwell (1827), e se trata de um termo (grota), de origem italiana que significa “porão”. Eles refletem acerca da construção do conceito do riso e cômico através das fundamentações de Wolfgang Kayser e Mikhail Bakhtin e outros filósofos, descobrem e identificam a estética grotesca nas mais variadas obras literárias, visuais e audiovisuais do século XX e do cotidiano da sociedade contemporânea.

No cinema a presença do grotesco esteve de forma conceitual e visual nos filmes de Chaplin (*The Tramp*, 1915) e da Universal Pictures, (*Frankenstein*, 1931), dentre outras obras que no cotidiano fazem parte do imaginário popular da sociedade. “*No ridículo das situações, deixa que se veja o essencial de muitas das armações que nos*

cercam e aprisionam – o trágico e o cômico pontuam os melhores instantes de ação cinematográfica”. (SODRÉ & PAIVA, 2002, p.94). Na televisão encontra-se a série Família Addams (1964) e Jackass (2000), que de acordo com a citação acima, constroem elementos e simbolismos em suas narrativas para expor o trágico; o riso; o cômico e o ridículo. É oportuno observar também as bandas de rock de som mais pesado como Ozzy Osbourne, Alice Cooper e Marilyn Mason, em que os elementos do riso, cômico e trágico estão integrados na concepção visual destes grupos.

No que tange ao grotesco, é interessante observar que as críticas de Friedrich Nietzsche ao conservadorismo, às artes, ao tradicionalismo cristão que marcava presença na Europa no século XIX tenha influenciado, diretamente ou indiretamente, tanto a estética grotesca, na qual o filósofo moderno é citado e referenciado por Victor Hugo e Sodré & Paiva, como outros movimentos provenientes da arte moderna, que é o caso do expressionismo, que de acordo com Argan (1992), o idealismo do filósofo alemão também estava presente na construção do conceito da “arte como expressão”. Pois o conceito do “super-homem” de Gaia Ciência e Assim falou Zarathustra, como conta Sodré & Paiva, tem relações com a estética grotesca. Partindo de um ponto de vista empírico, também estão presentes, em termos de elementos, no movimento da contracultura sessentista, e na quebra de qualquer barreira ideológica da cultura contemporânea dominante, ao observar as causas e pautas da contracultura. Vale destacar que Nietzsche é referenciado por inúmeros artistas de segmentos diversos. Desde “God is dead?”³ da banda de rock britânica Black Sabbath ⁴ao longa contemporâneo de Francis Ford Coppola Apocalypse Now, de 1979⁵, ao mesmo tempo ambas as obras possuem características do riso, cômico e trágico.

O heavy metal, Iron Maiden e Derek Riggs

O Heavy Metal é um estilo musical que surgiu na Inglaterra e é derivado do Rock and Roll, que por sua vez integra elementos rítmicos provenientes do Rythm and

³ Música da banda britânica de rock Black Sabbath do disco Thirteen, de 2013. Link: <https://whiplash.net/materias/biografias/228183-blacksabbath.html>. Acesso em 22 de agosto de 2019.

⁴ Banda de rock de origem britânica, de 1968, Birmingham. Considerada como um dos primeiros grupos de heavy metal da história, segundo Mick Wall (2013).

⁵ Fonte: <https://farofafilosofica.com/2017/02/14/nietzsche-vai-ao-cinema-10-filmes-influenciados-pela-filosofia-de-friedrich-nietzsche-eo-inspirados-em-sua-vida/>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

Blues, country e música clássica. Conhecido pela sonoridade agressiva e distorcida, o subgênero abrange um repertório imagético retirado dos contos de horror, mitos, folclore, temáticas bíblicas, estética grotesca e contracultura. No imaginário das bandas as quais fazem parte, é possível avistar ícones que representam uma parte da sociedade que vive de forma exclusiva, jovens oprimidos que buscam dar seus gritos de liberdade. Esses elementos são simbolismos visíveis no design dos figurinos, do palco dos concertos, das capas de LP's; e videocliques de bandas de rock pesado e heavy metal.

No documentário “Metal: Uma jornada pelo mundo Heavy Metal”, o antropólogo Sam Dunn, em 2005, reúne fãs, artistas, sociólogos e historiadores para entender a razão desse estilo musical ser tão estereotipado, repellido e condenado pela sociedade. *“críticos o qualificaram de música pouco sofisticada, para gente pouco sofisticada”* (DUNN, 2005). Dentre os pesquisadores que foram entrevistados pelo documentarista, encontra-se Deena Weinstein, socióloga, professora, estudiosa cuja pesquisa se concentra em cultura popular e especificamente sobre Heavy Metal, da Universidade de DePaul, dos Estados Unidos. Ela argumenta que o gênero se trata de um estilo de vida, e que o contraponto religioso, visível no imaginário das bandas de Heavy Metal, teve total importância para que o estilo se consolidasse e que houvesse representatividade e pluralidade.

O que parece claro é que o heavy metal confronta o que preferimos ignorar, celebra o que muitas vezes renegamos, e é indulgente com aquilo que mais tememos. E é por isso que o metal sempre será uma cultura de marginalizados. Para os jovens, é um lugar do qual podem sentir-se parte, onde pode experimentar outras possibilidades e transcender a vida cotidiana de uma maneira muito gloriosa. (DUNN, 2005).⁶

Iron Maiden é uma banda britânica de Heavy Metal de Londres, 1975, fundada pelo membro, compositor e baixista Steve Harris. O nome Iron Maiden (Donzela de Ferro) foi atribuído por Harris em homenagem ao filme “O Homem da Máscara de Ferro” (1939), longa baseado na obra do romancista Alexandre Dumas⁷. O nome possui uma conexão verbal com o instrumento de tortura de mesmo nome, presente na Idade

⁶ Citação retirada do antropólogo Sam Dunn do documentário Metal: A Headbanger's Journey, de 2005.

⁷ “O escritor francês consagrado como Alexandre Dumas nasceu no dia 24 de julho de 1802, em Villers-Cotterêts, no território de Aisne, com o nome de Dumas Davy de la Pailleterie... Ele se tornou conhecido por seus livros do gênero capa-e-espada, estilo nascido em solo espanhol no século XVII, inspirado nos romances utópicos e nas desilusões amorosas”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/alexandre-dumas/>. Acesso em 14 de outubro de 2018.

Média e utilizado no período da inquisição da Igreja Católica. Tem como membros Bruce Dickinson (vocal), Adrian Smith, Janick Gers e Dave Murray (nas guitarras), Nicko McBrain (bateria) e Rod Smallwood (empresário). Pertencente ao movimento New Wave of British Heavy Metal (N.W.O.B.H.M),⁸ a banda é famosa por seu repertório imagético repleto de simbolismos, referências bíblicas e inspirações na obra de Aleister Crowley e H.P Lovecraft, que podem ser assimilados em seus espetáculos teatrais e performáticos; ilustrações em capas de LP's, além de seus desdobramentos nas mídias: quadrinhos; games; cinema.

A banda também é famosa por polêmicas as quais envolvem grupos religiosos que praticavam queima de discos da banda em praça pública, devido ao conteúdo explícito e blasfemo encontrado nas letras das canções, e na imagem do terceiro LP lançado e publicado pela banda em 1982, o disco “The Number of the Beast”.

Segundo estimativas da Billboard, Iron Maiden vendeu aproximadamente 100 milhões de cópias de discos no mundo inteiro⁹. São dezesseis álbuns de estúdio, coroados com certificados de ouro e platina, seis álbuns ao vivo, quatorze vídeos e diversos compactos. Além disso, foi eleita na categoria “Best Metal Performance” do prêmio Grammy Awards, em 2011. Essas estimativas apontam que, de acordo os veículos Blitz; Glagow Live; Chronicle Live; Whiplash.net, Wikimetal, a banda Iron Maiden veio a ser uma das bandas mais bem-sucedidas da história do Heavy Metal. As sociabilizações as quais ocorrem em nome da banda trata-se de casamentos temáticos e pedidos de casamento em shows¹⁰. Além disso, jogos digitais cuja narrativa audiovisual possui sua mascote como protagonista, desenhado pelo designer Derek Riggs, lançado para Smartphones e PC¹¹ em 2017; uma cervejaria oficial com o logotipo, bares

⁸ “Quando a “Nova onda de Heavy Metal britânico” (conhecido prla sigla NWOBHM ou New Wave of British Heavy Metal). Foi um movimento surgido entre o fim dos anos 1970 e o começo da década seguinte, que consistia em bandas como Motorhead, Judas Priest, Iron Maiden, e outras como Saxon, Def Leppard, Holocaust, Venom, Nightwing e Samson.” Retirado do livro Classic Rock, KISS FM. 2014.

⁹ <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/o-iron-maiden-em-numeros/n1238187087568.html>> Acesso em 13 de outubro de 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/educacao/professor-brasileiro-reune-musicas-do-iron-maiden-que-abordam-historia/>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

¹¹ Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.roadhousegames.lotb&hl=pt_BR. Acesso em 15 de outubro de 2018.

temáticos¹², materiais escolares e revistas em quadrinhos, intitulada “The Legacy of the Beast”, contendo o imaginário do Iron Maiden¹³ em sua narrativa visual, publicada pela editora Heavy Metal Magazine em 2018.

A concepção visual do Iron Maiden foi criada por Derek Riggs, ilustrador e designer gráfico britânico, nascido em 1958, em Portsmouth, Inglaterra. Autodidata, chegou a frequentar o curso de Artes & Humanidades da Coventry University em Londres. O artista foi convidado a ilustrar a capa do primeiro LP do Iron Maiden em 1980. Produziu a arte dos oito primeiros LP’s lançados entre 1980 – 1992, desenhou a mascote oficial do grupo e todas as peças gráficas promocionais da banda, as quais incluem banners, cartazes, adesivos, camisetas etc. Relatou, de acordo com WALL (2013), que toda a simbologia estabelecida por ele nessas obras representa adversidade, força, irreverência, esperança, exploração e representatividade. São valores inerentes aos fãs do Iron Maiden, os quais abrangem as devidas minorias e grupos sociais considerados marginalizados pela sociedade, segundo os dados correlatados pelo antropólogo Sam Dunn em seu documentário sobre o Iron Maiden, *de 2009*.

A arte do Rock

Foi nas décadas de setenta, oitenta e noventa que surgiram as mais relevantes obras de arte nas capas de LP’s e EP’s, período em que a indústria cultural e do entretenimento estava à todo vapor, segundo a pesquisa apurada pelo pesquisador Paul Grushkin em sua obra: “*A Arte do Rock: Imagens que marcaram a era clássica do rock*” (2011).

Desde a obra de Peter Blake, o LP “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”, disco dos Beatles de maior relevância cultural de todos os tempos, segundo a Rolling Stones Magazine¹⁴, as bandas passaram a fazer uso das artes visuais e plásticas para construir seus conceitos estéticos, ao invés de se limitarem às fotografias. Bandas

¹²<<http://www.ironmaiden666.com.br/2009/06/que-tal-beber-umas-cervejas-no-eddies.html>> Acesso em 12 de outubro de 2018.

¹³ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/iron-maiden-primeira-edicao-de-legacy-of-the-beast-ganha-capa-alternativa-confira>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

¹⁴ Disponível em <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/sgt-peppers-lonely-heart-club-band-beatles-maior-disco-todos-os-tempos/>. Acesso em 14 de outubro de 2018.

como Led Zeppelin e Pink Floyd abusaram do surrealismo e abstracionismo através do traço de Storm Thorgerson em suas respectivas capas de LP's, EP's e imagens promocionais. Outros artistas renomados da história da arte também marcaram presença em capas de LP's do Rolling Stones, The Who, e outras bandas da época, como foi o caso de Andy Warhol e Peter Blake, ambos representantes da arte pop.

A presença das artes gráficas nas bandas rock sempre evidenciaram aspectos simbólicos ao que se diz respeito aos ideais desses grupos. No que tange a história da arte do Rock and Roll, os artistas procuravam ilustrar e representar graficamente o imaginário das bandas as quais estavam adeptos a explorar, que transitava entre símbolos da rebeldia, contracultura, e as vezes até ideais retirados dos estudos de filosofia (Jethro Tull), sociologia (Pink Floyd) e ciências políticas (The Clash) e Religiões (Black Sabbath). De acordo com Durand (1998), o imaginário é uma bacia etnográfica onde guardam símbolos, imagens e qualquer elementos representativos da cultura, sociedade, entidade, ser, natureza.

O número da besta

De acordo com o que é relatado na biografia “Iron Maiden – Run to the Hills”, pelo jornalista musical Mick Wall, a arte do LP The Number of the Beas, de 1982, lançou a banda Iron Maiden e o artista Derek Riggs para o mundo. O grafismo gerou polêmicas e comoção por parte da imprensa e da comunidade religiosa, queima do disco em praças públicas, que alegava a banda de satanismo por conta do simbolismo, tão característico da tradição cristã encontrada na bíblia sagrada.

Figura 1



Fonte: <https://www.rollingstone.com/music/music-lists/the-100-greatest-metal-albums-of-all-time-113614/judas-priest-british-steel-1980-119654/>
Derek Riggs - "The Number of the Beast" (1982) - Pintura 32 x 32 cm

Carl Jung, psicanalista discípulo de Freud, publicou uma obra, tendo como sua derradeira, que integra conceitos teóricos a respeito de símbolos e sonhos. O livro também possui uma coletânea de artigos publicados por alunos, e uma delas, Aniela Jaffé, argumentou que *“com sua propensão de criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos”* (JUNG, 2016, p.312). Riggs se inspirava em temáticas mitológicas e crenças para ilustrar suas obras e construir um imaginário para cada um de seus trabalhos.

Panofsky fez um estudo de iconologia nas obras de arte: *“A iconografia é o ramo da História da Arte que trata do conteúdo temático ou significado das obras de arte, enquanto algo diferente da sua forma.”* (PANOSKY, 1995, p.19). Ele divide em três níveis de interpretação o significado dos elementos presente nas imagens: O conteúdo Temático Natural ou Primário (descrição pré-iconográfica); O conteúdo secundário ou convencional (descrição iconográfica); e o terceiro nível (Descrição iconológica). Apenas o conteúdo primário (pré-iconográfico) e secundário (iconográfico) serão abordados nesta análise.

O conteúdo primário: a análise pré-iconográfica

O conteúdo primário ou pré-iconográfico de Panosky consiste em descrever os elementos gráficos os quais são possíveis notar na ilustração: cor, forma e tipografia. Ao analisar detalhadamente a ilustração “The Number of the Beast”, é sabido que exista duas cores predominantes: preta e vermelho. No que tange ao estudo aprofundado de cores, Eva Heller, autora do livro “Psicologia das cores – como as cores afetam a emoção e a razão”, de 2007, estabeleceu um apanhado de conceitos acadêmicos a respeito das cores em perspectivas sociais, culturais e históricas, associando às cores sentimentos, desejos e emoções. Ao contextualizar os fundamentos impostos por ela com este objeto de pesquisa, será analisado aqui de forma breve um escopo teórico da cor preta e da cor vermelha, para que posteriormente seja realizada uma contextualização com a obra do artista Derek Riggs.

Heller estipulou uma pesquisa aprofundada sobre a cor preta, que segundo ela, em meio à polêmica relacionado à cor, se é ou não verdadeiramente uma cor, tema abordado até mesmo por Van Gogh, a autora inicia sua pesquisa na seguinte citação: “o preto é uma cor sem cor” (HELLER, 2013, p.128.). Na cultura popular, o preto é 80% utilizado em funerais e luto. Na natureza a cor é vista em animais como corvos, urubus, morcegos, que possuem alguma relação com a morte ou com algum conto ou lenda popular. O corvo, por exemplo, é aquele que come restos de carne humana morta, já o morcego é um mamífero que, graças aos feitos da sétima arte e da literatura, esse animal possui relação com entidades malignas, no imaginário popular da sociedade, muito graças à Bill Finger e Bob Kane também, ambos criadores do Batman. Personagem esse que possui um traje todo preto, além de proximidades com sentimentos de raiva, ódio e loucura, como pode ser visto e lido em “A Piada Mortal”, de Alan Moore e Brian Bolland, de 1988. No que tange ao simbolismo, Heller relata que 56% das pessoas que cederam entrevista na Alemanha afirmaram que a cor representa o fim, ao estipular uma citação do pintor Wassily Kandinsky em seu livro: “Como um nada sem possibilidades, como um nada morto, após a extinção do sol, como um eterno calar, sem futuro e sem esperança: assim soa interiormente o preto” (HELLER, 2013, p.129). É importante levar em consideração que, nas religiões, a cor também possui conotações negativas. O

preto, acima de tudo, representa a noite, o escuro, as sombras. No cristianismo o preto é o mal e as trevas.

O vermelho é uma das cores primárias, que simboliza o amor; o calor; a maçã do pecado; o erotismo, o sangue; a vaidade; o egocentrismo. No imaginário popular a cor, assim como preto, tem ligações, dependendo do caso, com a morte. A cor, por exemplo, representa a ferida, o sangramento, e muito devido a isso se tornou a cor do comunismo e socialismo, ambas ideologias que defendem as minorias oprimidas pela sociedade desde tempos remotos, como os escravos; pobres; negros; homossexuais; cétricos; em busca de igualdade coletiva. O vermelho tornou-se símbolo representativo do idealismo de Karl Marx. Na política, o vermelho, que também é associado ao nazismo de Hitler, foi utilizado de forma estratégica pelo ditador para estabelecer simpatia com a classe trabalhadora alemã, sobre a bandeira do seu partido, intitulado “nacional socialismo”, como argumenta a autora.

Bandeiras vermelhas surgem continuamente na história como bandeiras de guerra. Em 1792, os jacobinos elegeram a bandeira vermelha como bandeira da liberdade. Em 1834, quando da insurreição dos tecelões da seda de Lion, a bandeira vermelha da liberdade foi escolhida como bandeira do movimento operário (HELLER, 2013, p.71).

Tanto o preto quanto o vermelho possuem elementos em comum: luto; inveja; morte; sangue; egocentrismo; mistério etc. De acordo com Heller, a junção das cores simboliza o ódio: “o vermelho é o amor, mas vermelho com preto caracteriza o seu oposto, o ódio. A potencialização do ódio é brutalidade, selvageria, características que pertencem ao acorde cromático preto-vermelho-marrom”. (HELLER, 2018, p.131). Posta citação da autora, pode-se aqui, complementar que ambas as cores são parte do imaginário da maioria das bandas de Heavy Metal, que por sua vez se apropriam de conceitos políticos progressistas, anarquistas, ou conceitos bíblicos, pagãos, ocultistas, como é o caso da obra em destaque do artista Derek Riggs. Na pintura, pode-se notar algumas outras cores como o amarelo e algumas tonalidades de cinza, numa intensidade menor, porém essas duas cores apenas complementam as outras. Uma está presente no fogo, e outra nas sombras da noite. O artista buscou construir um imaginário a partir de crenças populares a respeito da tradição cristã católica e de ritos populares. O preto

representado em sua obra simboliza a noite e a sombra, enquanto o vermelho simboliza o pecado e o sangue.

No estudo de linguagem visual Donis, A. Dondis estipula uma avaliação bastante detalhada e articulada da produção e comunicação visual. A autora estabelece que as formas possuem características específicas, e cada uma atribui uma grande variedade de significados. Na obra de Derek Riggs, especificamente na tipografia, é interessante observar a presença de formas triangulares em torno das letras. Ao observar, no cotidiano e na natureza, tudo que possui pontas consiste em: lâminas, espadas, facas, vidros, espinhos. Na linguagem visual, uma forma triangular pode remeter à sentimento de “ação, conflito, tensão” (DONDIS, 1992, p.67). É válido mencionar que o nome da banda Iron Maiden (donzela de ferro) é o mesmo nome que o instrumento de tortura medieval. Na idade média, especificamente no período da inquisição católica, aqueles que discordavam dos princípios religiosos eram condenados à morte, por chamas, por uma guilhotina ou por uma donzela de ferro.

O conteúdo secundário: a análise iconográfica

O conteúdo secundário ou convencional de Panofsky consiste em identificar símbolos presentes em poses, gestos e composição geral do conceito da obra de arte. No imaginário popular existem diversas representações do demônio bíblico, dentre elas encontram-se as de *William Friedkin*, visto no filme *O Exorcista*, de 1973. A outra trata-se de uma criatura feia, asquerosa, de chifres, como pode ser vista nos mitos pagãos e fábulas. Outra, um arcanjo caído de beleza perfeita que outrora fora expulso dos céus. Sendo a terceira, a representação descrita na seguinte citação: “*Por meio do seu amplo comércio, você encheu-se de violência e pecou. “Por isso eu o lancei em desgraça para longe do monte de Deus, e eu o expulsei, ó querubim guardião, do meio das pedras fulgurantes”* (Ezequiel 28:16)¹⁵, como pode ser lido e consultado na bíblia sagrada.

Na pintura em destaque, é interessante notar a presença da criatura Eddie (a mascote da banda Iron Maiden) e uma outra criatura (em vermelho). Esta criatura possui caldas, tridente, chifres, características que remetem diretamente aos mitos

¹⁵ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/busca?q=G%C3%AAnesis+3%3A1>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

gregos e pagãos, Baphomet, o deus da fertilidade. No cristianismo, trata-se de uma entidade que representa o mal. “Com essa visão foi criada a ideia de que tudo que envolve essa divindade é uma prática de magia negra, ocultismo e satanismo. E hoje em dia, essa é a visão mais difundida e aceita como verdade por grande parte dos adeptos do cristianismo.”¹⁶ Partindo do princípio de que o artista tenha se inspirado em Baphomet para executar o seu ponto de vista estético do diabo, pode-se afirmar que a criatura em cor vermelha se trata de um demônio. Posto isto, ao que se diz respeito ao simbolismo na pintura, Eddie faz um gesto com as mãos que simboliza uma marionete. Na bíblia sagrada, o demônio se apossa do homem quando o mesmo perde a sua fé, tornando-se uma marionete da besta, de forma sedutora. “O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra”. (Apocalipse 12:9).¹⁷ Na ilustração, o demônio é quem é possuído pela criatura, tornando-se uma marionete.

As características do trágico, do cômico, do riso e do feio, como diz Sodré & Paiva em “o império do grotesco”, estão presentes na pintura, e essas características ajudam a identificar a obra esteticamente como grotesco crítico.

Conclusão

No decorrer deste artigo, foi realizada uma pesquisa exploratória acerca do material literário e didático ao que se diz respeito aos estudos provenientes da história do Rhythm and Blues, Rock and Roll e Heavy Metal, retirados de registros históricos e livros de memórias biográficas de bandas e artistas que, como foi destacado, a representatividade já estava enraizada desde o Rhythm and Blues. Foi discutido a presença das artes gráficas no Rock and Roll, a relevância da banda Iron Maiden e do artista Derek Riggs para os estudos de cultura pop e especificamente a do heavy metal. Temas como contracultura, grotesco, representatividade e pluralidade foram explorados afim de contextualizar a ilustração “The Number of the Beast” como objeto de estudo na área de artes visuais e comunicação, ao utilizar fundamentos do autor Panofsky e Heller.

¹⁶ Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/baphomet>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

¹⁷ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/busca?q=Apocalipse+12%3A9>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

Posto isso, é compreensível a razão de tantos se sentirem representados pela banda Iron Maiden e pela ilustração de Derek Riggs, que mudou o patamar das capas de LP's das bandas do gênero: Riggs imagina a mascote do Iron Maiden como um arquétipo de Anti-Herói, o símbolo eterno do espírito jovem e intransigente da música da banda, ao utilizar elementos, símbolos, ícones provenientes da tradição cristã católica, o artista brinca com esses conceitos, o que torna a arte da capa do terceiro álbum do Iron Maiden um imaginário lúdico, caricato e mal compreendido pelas comunidades cristãs que protestaram na época em que a obra foi publicada. A ilustração representa todos aqueles que possuem predisposição emocional de curtir música e explorar um imaginário rico que pode ser encontrado em games, quadrinhos e convenções da cultura pop, através do riso e do trágico, que é o grotesco.

É uma ilustração que representa todos aqueles que buscam música, história, cultura e entretenimento. “Todos nós, uma vez ou outra na vida, nos sentimos marginais” (VOGLER, 2006, p.58). Por fim, a obra constrói e estabelece, de forma artística, o imaginário que o estilo heavy metal iria explorar a partir de 1983, em larga escala.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: Uma história concisa. São Paulo: Editora WMF Martins Pontes. 2º edição, 2012.
- Autores, vários. **A Bíblia Sagrada** – Almeida revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 2º edição, 2010.
- CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é imaginário?** Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand. João Pessoa: Editora UFPB. 2015.
- DONIS, A. Dondis. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.
- FM, Kiss. **Classic rock**. São Paulo: Universo dos livros, 2014.
- GRUSHKIN, Paul. **A arte do rock**: Imagens que marcaram a era clássica do Rock. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**: Tradução do prefácio de Cromwell. São Paulo: Perspectiva. 3º edição, 2017.

COLI, Jorge. **O que é arte**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1995.

ISAACSON, Walter. **Leonardo da Vinci**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

JUNG, Carl. **O Homem e seus símbolos**: Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil. 3º edição, 2016.

MAZZOLENI, Florent. **As raízes do rock**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia**: Temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

SODRÉ, Muniz. PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

VLOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 2º Edição, 2006.

WALL, Mick. **Iron Maiden – Run to the Hills**: a biografia Autorizada. Rio de Janeiro: Editora Generale, 2013.

XAVIER, Adilson. **Storytelling**: histórias que Deixam Marcas. 6. ed. São Paulo: Editora Best Business, 2015.